

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

MÁRCIA BARROSO DA SILVA

BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL
BIBLIOTECÁRIO

Rio de Janeiro

2018

MÁRCIA BARROSO DA SILVA

BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito final à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora (a): Lucia Maria da Cruz Fidalgo

Rio de Janeiro

2018

CIP - Catalogação na Publicação

S586b Silva, Márcia Barroso da
Biblioterapia como campo de atuação do
profissional bibliotecário / Márcia Barroso da
Silva. -- Rio de Janeiro, 2018.
57 f.

Orientador: Lucia Maria da Cruz Fidalgo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação, 2018.

1. Biblioterapia. 2. Psicologia da leitura. 3.
Bibliotecários. I. Fidalgo, Lucia Maria da Cruz,
orient. II. Título.

MÁRCIA BARROSO DA SILVA

BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 07 de Dezembro de 2018.

Prof. Me. Lucia Maria da Cruz Fidalgo
Orientadora

Prof. Dra. Regina Dantas
Banca Examinadora

Prof. Dra. Vânia Guedes Lisboa
Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Maria Rosa Barroso da Silva, por ter acreditado em mim desde o primeiro momento, feito de tudo para apoiar o meu caminho dentro da faculdade, sempre me sustentando com seu otimismo e fé.

Ao meu pai Manoel Damasceno da Silva (in memorian), por ter me oferecido a estrutura e o amparo necessário para que eu estudasse e tivesse tudo que a vida lhe negou, apesar de todo o seu esforço, trabalho, determinação e convicção.

A minha esforçada irmã mais nova Raquel Barroso da Silva (graduada em Enfermagem pela UERJ e mestre pela Universidade de Columbia) e seu marido Ademir Jacob Evaldt (Engenheiro de produção pela SENAI/CETIQT), por terem feito de tudo para me dar dignidade e assegurar a minha integridade, neste caminho acadêmico, me proporcionando instrumentos necessários, para que eu pudesse cumprir com a minha trajetória dentro da Universidade.

À Professora e Coordenadora do Curso Nadir Ferreira Alves, por ter me tratado com carinho desde o início, sempre solícita em me ajudar, sempre engajada e incansável em resolver as questões que lhe apresentei, “Com você não há tempo ruim, pois você está sempre presente”. Agradeço fortemente a minha obstinada e laboriosa orientadora Lúcia Fidalgo, que aceitou me orientar com afinco, próprio do seu caráter firme e enérgico, com carinho e atenção incessantes.

E fechando com chave de ouro, agradeço grandemente, ao mais lindo dos sobrinhos que Deus já pôs na Terra, fonte de alegria, estabelecedor da paz, que passou na fila da bagunça várias vezes antes de vir para a Terra, que enche e faz transbordar o coração da tia de amor e felicidade, “Se você não existisse, alguém ia ter que dar um jeito de ti inventar”.

“Obrigada por você existir” DARWIN.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo falar da atuação do profissional bibliotecário na biblioterapia, e mostrar as características da mesma, bem como a sua importância, e o valor que agrega aos pacientes portadores de transtornos emocionais ou psíquicos. Desta forma, utilizou-se a pesquisa descritiva, para obter dados bibliográficos sobre o tema, e procedimento de coleta documental em bibliotecas físicas e virtuais. Pode-se inferir a escassez da publicação de material científico sobre o trabalho do bibliotecário vinculado a prática da biblioterapia, propondo-se, assim, abrir espaço para futuras pesquisas.

Palavras-chaves: Profissional bibliotecário. Biblioterapia. Biblioterapeuta. Bibliotecário com formação terapêutica.

ABSTRACT

This work in the bibliography, the reality of bibliotherapy, and the status of it does not, and the value of the same size of patients with the port of emotional and psychic disorders. In this way, use a descriptive search, to collect bibliographic data on the subject, and a procedure of collecting documents in physical and virtual libraries. It is possible to infer a review of the publication of scientific articles on librarian work related to the practice of bibliotherapy, thus proposing the space for future research.

Keywords: professional librarian. Bibliotherapy. Bibliotherapist. Librarian with therapeutic training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Objetivos Gerais	13
1.2.2 Objetivos Específicos	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 DEFININDO LEITURA	14
2.1.1 Leitura como Função Terapêutica	15
2.2 BIBLIOTERAPIA E O BIBLIOTECÁRIO	17
2.2.1 Biblioterapia como Campo de Atuação do Bibliotecário	18
2.2.2 Embasamento Filosófico da Biblioterapia	19
2.2.3 Trabalhos e Estudos: A Seara da Biblioterapia	20
3 METODOLOGIA	22
4 ASPECTOS HISTÓRICOS	23
4.1 História da Biblioteconomia.....	23
4.2 História da Biblioterapia	25
4.2.1 Biblioterapia na Biblioteconomia	26
4.2.2 Biblioterapia na Psicologia	28
5 CONCEITUAR E DEFINIR: BIBLIOTERAPIA	29
6 ELEMENTOS BIBLIOTERAPÊUTICOS: LEITURA NA BIBLIOTERAPIA	33
7 TIPOS DE BIBLIOTERAPIA	37
7.1 Biblioterapia Institucional	37
7.2 Biblioterapia Clínica	37
7.3 Biblioterapia para Desenvolvimento Pessoal	38
8 OBJETIVOS DA BIBLIOTERAPIA	40

9 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA BIBLIOTERAPIA	43
9.1 Bibliotecário como Biblioterapeuta	43
9.2 Treinamento do Biblioterapeuta	45
9.2.1 Modelo Empregado nos Estados Unidos	46
10 A RELEVÂNCIA E OS BENEFÍCIOS DA LEITURA E DA BIBLIOTERAPIA	49
10.1 A Leitura como Coadjuvante Clínico	50
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A biblioterapia é um recurso terapêutico de cura para mente, cura esta de caráter emocional e psíquico, mas também de uso preventivo. Assim este trabalho procura expressar de que forma o bibliotecário se encaixa neste campo de trabalho.

Pereira (1996) menciona outros termos que foram utilizados para especificar essa terapia, como: Biblio-diagnóstico para avaliação, Bibliofilaxia como uso preventivo da leitura, Bibliogomia, Biblioconselho, Terapia Bibliotecária, Terapia de Grupo Tutelada, Literapia, dentre outros.

Apesar desta terapia ser uma prática que já vem sendo utilizada desde a antiguidade, somente por volta de 1906, é que se consolidou o termo Biblioterapia, a partir de um artigo publicado no Atlantic Monthly, escrito por Samuel McChord Crothers. Sua etimologia vem do grego *biblion* (livro) e *therapeuticaorum* (tratamento), desta forma, biblioterapia seria a terapia por meio dos livros.

Hoje o livro pode ser encontrado em vários suportes desde o meio físico até o eletrônico, mas a biblioterapia exercida pelo bibliotecário não se restringe apenas aos livros, mas extrapola também para a música, jogos, imagens etc...

A biblioterapia é um método constituído por três elementos distintos: cliente, terapeuta e literatura. Deste modo, chega-se à conclusão que, somente a literatura sem acompanhamento não constitui a biblioterapia, pois que esta requer assistência terapêutica, seja de um bibliotecário com formação terapêutica, psicólogo, psicoterapeuta, psiquiatra, ou um bibliotecário exercendo atividade conjunta com esses profissionais.

Em 1904, a biblioterapia passou a fazer parte da grade acadêmica do curso de biblioteconomia, tendo sido bastante utilizada também em bibliotecas públicas e bibliotecas de hospitais, tendo como os seus principais clientes ou pacientes: crianças, idosos, e pessoas adultas e também com transtornos psíquicos e emocionais.

Conseqüentemente, o emprego desta terapia demanda planejamento bem estruturado por parte dos profissionais engajados nessa prática, como na seleção de leituras, atividades, local apropriado, nível de conhecimento do paciente, prognóstico atualizado da saúde do paciente, assim como programas e atividades que atendam de forma objetiva cada caso.

Desta forma busca-se oferecer aos pacientes material de leitura de qualidade, rico em sabedoria para que este possa se identificar emocionalmente com o texto, compreender os seus próprios problemas, enxergar que não está sozinho nesta questão e com ajuda profissional, solucioná-los da melhor maneira possível.

Caldin (2001a) fala sobre essa questão, a autora diz que, como os seres humanos possuem a propensão a aderir a uma 'identidade dinâmica', é possível se utilizar disso por meio da leitura para aplicar a biblioterapia, na qual através desta, ocorrem fenômenos como a introjeção e a projeção, que fazem com que o paciente se identifique com as passagens relatadas no texto. Estas experiências são catárticas, sendo que "...a liberação da emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, com valor terapêutico" (CALDIN, 2001a apud OLIVEIRA et al., 2011, p. 5).

Hoje a prática da biblioterapia vem crescendo cada vez mais e ampliou-se para escolas, presídios, asilos, orfanatos etc.

O propósito deste trabalho é o de procurar responder ao seguinte questionamento: Qual o papel do profissional bibliotecário na biblioterapia? Desta maneira buscou-se primeiramente conhecer o conceito do objeto em questão, sua importância, seus tipos, como o bibliotecário pode se encaixar neste meio, e falar sobre a atividade da biblioterapia.

Por fim, o trabalho do bibliotecário tem a prerrogativa da variedade de campos de atuação, devido ao seu envolvimento direto com a informação, assim a biblioterapia constituiria mais um campo de atuação profissional para o bibliotecário, apesar de haver pouco interesse no seu investimento no âmbito público, o que do contrário, ocasionaria uma grande ajuda aos inúmeros pacientes que necessitam de apoio psiquiátrico, emocional e preventivo.

1.1 JUSTIFICATIVA

No início o bibliotecário exercia a função de guardião do conhecimento humano, sob diversas formas: papiros, incunábulo, livros impressos, e agora até e-books, sem falar nas outras formas de se registrar a informação, que passou a ocupar outros suportes bem menos convencionais.

Mas com o término da Segunda Guerra Mundial, e com a consolidação da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética, mas do que nunca surgiu a necessidade de aperfeiçoamento e avanço bélico e tecnológico, a informação que antes já era importante, passou a ser imprescindível, então essa função de guardião, classificador e organizador técnico dos itens, mudou de perspectiva; o bibliotecário passou a ser um facilitador, um mediador entre aquele que busca a informação e o conhecimento que este procura.

A partir daí, o bibliotecário ampliou o seu leque de atividades, podendo exercer as tarefas de um gestor ou administrador (com responsabilidades bem mais acentuadas como o marketing, logística, visão mercadológica entre outras), desenvolvedor de projetos e, expandiu a sua habilidade de mediador da leitura para outras áreas do conhecimento, como a psicologia, tanto como alguém que se especializou, como alguém que apenas com o curso de biblioteconomia, recebeu treinamento para fazer parte de uma equipe voltada para a prática da biblioterapia.

Assim o bibliotecário passou a atuar em hospitais, presídios, asilos etc.... compondo uma equipe ou como biblioterapeuta.

Com esse alargamento das possibilidades profissionais do bibliotecário, ele pôde ajudar no incentivo à leitura, num país como o Brasil que não possui em seus costumes o hábito da leitura como uma herança familiar; na divulgação de uma terapia pouco conhecida e difundida como a biblioterapia, que busca a cura emocional, a partir do entendimento de leitura específica e dirigida por profissionais especializados, levando ao encontro de soluções mais viáveis e eficientes para questões complexas que envolve o psiquismo humano, a melhora do quadro psíquico, moral e comportamental do paciente, e que possui também caráter preventivo.

Desta forma, busca-se com este trabalho, atrair a atenção para o foco da biblioterapia, que embora seja mais exercida em outros países, seja no meio acadêmico ou junto à sociedade, aqui no Brasil apesar de estar em crescimento, devido a elaboração e implantação de projetos de leitura para enfermos, idosos e presos e também do seu uso terapêutico e profilático por parte dos profissionais de psicologia, ainda carece de espaço e visualização.

Além disso, através da biblioterapia é possível se aproximar e tratar pessoas com características autodestrutivas, traumatizadas ou com tendência a desenvolver algum desequilíbrio emocional, exercendo assim a sua característica preventiva, principalmente junto a crianças, adolescentes e idosos.

Este trabalho deixa claro como a biblioterapia traz benefícios aos leitores/pacientes e reafirma a importância da leitura como mediadora entre o ser humano e a sua condição física, emocional e mental, agindo sobre o comportamento do leitor e melhorando a sua compreensão e relação com o mundo.

Enfim, além dessas razões, este trabalho buscou fazer um levantamento descritivo da atuação do bibliotecário no meio da biblioterapia, a sua importância e os lugares em que atua. Além de colaborar para a literatura da área, que se mostrou bastante escassa, bem como atrair

a atenção para a biblioterapia, tanto do meio acadêmico quanto da sociedade e salientar seus benefícios junto ao ser humano e a participação do profissional bibliotecário nesta área do conhecimento humano.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivos Gerais

Falar sobre a biblioterapia e a ação do bibliotecário neste meio.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Conceitualizar e contextualizar a biblioterapia;
- b) Apresentar os tipos e a relevância da biblioterapia;
- c) Falar da leitura como atividade terapêutica.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 DEFININDO LEITURA

Conforme o Minidicionário Aurélio (2008, p. 512), ler significa:

Percorrer com a vista (o que está escrito), proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as (e interpretando-as). Ver e estudar (coisa escrita). Decifrar e interpretar o sentido de. Perceber (sinais, mensagens). Adivinhar. Captar signos ou sinais registrados em (um suporte) para recuperar as informações por eles codificadas. Copiar (informação armazenada ou externa) para a memória principal do computador, onde fica disponível para processamento. Ler em voz alta para alguém. Ser capaz de reconhecer palavras ao vê-las escritas.

De acordo com Manguel (1997) uma sociedade pode existir e existem muitas, de fato, e sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler.

O ato de ler sofreu mudanças ao longo do tempo, na antiga Roma por exemplo, havia a prática da leitura intensiva (leitura oral), no qual as informações de contexto político eram exteriorizadas em praça pública direcionadas a população; mas a frente houve uma evolução em que a leitura já impressa passou a ser de alcance público, dando vazão a leitura extensiva (leitura silenciosa) indiscriminada e ilimitada, ampliando assim, a visão de mundo.

Para Carvalho (2012) A leitura possibilita deleites, saberes, reflexões e ações. Desta forma, é de suma importância realizar a leitura do mundo, conciliando esses conhecimentos com a vida pessoal, educacional, profissional e social.

A leitura é um ato natural inerente ao ser humano, que é naturalmente capaz de ler expressões faciais e corporais, a natureza e suas variações, a fauna, o ambiente em que vive e ler especialmente, até aquilo que não é dito explicitamente, mas que se mantém nas entrelinhas.

Portanto, ampliação da percepção de mundo, é apenas uma das consequências do ato de se ler bem e de forma imparcial. Para Carvalho et al (2012) pode-se ler um quadro de Da Vinci da mesma forma que se pode fazer uma leitura crítica de um filme de Fellini. Neste universo de textos, tudo é texto, independentemente do suporte em que se apresenta, o leitor dá sentido ao que se mostra aos seus olhos.

A leitura como já foi dita anteriormente é inerente ao ser humano, é o lugar aonde se processam os labores da reflexão, aonde se burilam os sentimentos, de onde nascem as ações e até mudanças de comportamento. Sentir o que os personagens sentem, compadecer-se deles, ou irritar-se com eles, acima de tudo vivê-los, sensibilizar-se.

Quando se fala em leitura não se pode deixar de falar em Perrotti (1999), que classificou os indivíduos que leem em dois tipos distintos: os ledores e os leitores. Ledores são indivíduos que apresentam um relacionamento maquinal com a leitura, a estes não importa extrair significações, nem interpretações mais profundadas, muito menos internalizar as ações e situações ocorridas na leitura. Leitores são aqueles que buscam absorver a essência do que está sendo apresentado na leitura, o seu sentido, o seu conhecimento, para formar o seu próprio conhecimento, fruto da sua acuidade intelectual e da sua experiência pessoal e acadêmica.

Perrotti (1999), ainda salienta que, na sociedade em que vivemos há uma preocupação maior em alimentar a mente dos ledores, do que a dos leitores, este fato encontraria explicação na dinâmica do próprio capitalismo e na necessidade de vender livros. A lógica de nossas sociedades tende a conferir a atenção especial aos ledores, deixando margem mínima para os leitores. Se há cada vez mais livros no mercado, por outro lado, há cada vez menos condições de exercitarmos leituras reflexivas, aquelas que exigem forte concentração, que demandam tempo, anotações, pesquisas, que conduzem a releituras, ao estudo de pequenos trechos, a embates profundos e intensos entre texto e leitor. (PERROTTI, 1999).

É de suma importância para a formação do leitor, a prática da leitura. A prática da leitura é simples, natural e de grande aprendizado do mundo que nos cerca. Daí a necessidade de direcionar as pessoas para uma leitura mais consciente, extraindo dela o que há de melhor, a sua significação.

2.1.1 Leitura como Função Terapêutica

A leitura com finalidade terapêutica, é muito antiga, por exemplo: no antigo Egito, o Faraó Rammsés II, mandou escrever na frente da sua biblioteca a seguinte frase “Remédios para a alma” (ALVES, 1982) e as bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “casas de vida” como locais de conhecimento e espiritualidade (MONTET, 1989). Em Roma, Aulus Cornelius Celsus também vinculou a leitura com o tratamento médico, e propôs a leitura e discussão das obras de grandes autores como recurso terapêutico,

no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes (ORSINI, 1982), assim como os gregos também relacionaram o uso dos livros como forma de tratamento médico e espiritual, ao idealizarem suas bibliotecas como “a medicina da alma” (MARCINKO, 1989). Já o Hospital Al Mansur, em 1272, prescrevia a leitura de trechos escolhidos do Alcorão como parte do tratamento médico (MARCINKO, 1989). Desta forma, é possível perceber que, há muito tempo a leitura é utilizada como instrumento de transformação pessoal e curativo.

No entanto, foi só a partir do século XIX, que a leitura com fim terapêutico passou a ser utilizada em hospitais psiquiátricos. Logo em 1802, o pesquisador norte-americano Benjamin Rush, foi o pioneiro em recomendar a leitura para todos os tipos de doentes, e oito anos a frente ele viu na biblioterapia uma forma de auxílio a psicoterapia, para ajudar pessoas portadoras de desequilíbrios emocionais como depressão, medos, fobias e até idosos (ALVES, 1982). Mas foi a partir dos estudos das biblioterapeutas, Isabel Du Boir e Emma T. Foreman na década de 30, que a biblioterapia fixou-se de forma cabal como um campo de pesquisa, ciência e não como arte (ORSINI, 1982).

No início da década de 40, a pesquisadora Ilse Bry, formada em Psicologia, Filosofia e Biblioteconomia, publicou seu trabalho “Aspectos Médicos da Literatura: um esboço bibliográfico”, abordando quatro aspectos diferentes: aplicação médica da literatura, a medicina na literatura, análises médicas da literatura e estudos das respostas à literatura (ORSINI, 1982).

Em 1949 a primeira Ph.D. em Biblioterapia, Caroline Shrodes, defendeu a sua tese de dissertação “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental”, que passou a servir como alicerce da Biblioterapia atual. Em 1951, surgiu o segundo Ph.D., Esther A. Hartman, da Universidade de Stanford, com a tese “A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de biblioterapia” (FERREIRA, 2003).

Entre as décadas de 40 e 60 surgiram pesquisadores como Mary Jane Ryan que defendeu a ideia de que a Biblioterapia era uma arte, e não uma ciência, e Richard Darling para o qual a Biblioterapia poderia ser utilizada para fins preventivos.

A Biblioterapia foi definida pela primeira vez no Dorland’s Illustrated Medical Dictionary, em edição de 1941, como “o emprego de livros, através de literatura dirigida, no tratamento de doentes mentais” (RATTON¹, 1975 apud VASQUEZ, 1989, p. 34). O Webster’s Third Internacional Dictionary, em edição de 1961 apresenta a seguinte definição: “Uso de material de leitura selecionada, como coadjuvante terapêutico em Medicina e

¹ RATTON, Angela M.L. Biblioterapia. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214. set. 1975.

Psicologia”, além de “Guia na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida” (RATTON, 1975), sendo esta última definição adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições.

E para Marcinko (1989, p. 2), biblioterapia consiste em:

Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover autoafirmação, autoconhecimento ou reabilitação.

Portanto biblioterapia seria um processo de aprendizado pessoal, que pode ser feito em grupo ou de forma individual, guiado por profissionais treinados neste tipo de tratamento, com o intuito de curar desequilíbrios de ordem psíquica e moral. Mas a sua natureza preventiva foi aplicada mas adiante, em crianças, adolescentes e jovens, em escolas, bibliotecas e centros comunitários, e em trabalho multidisciplinar. Seu objetivo maior é fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamentos, com a solução ou melhora do problema de comportamento apresentado.

A Biblioterapia é hoje um campo de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, assistentes sociais, psiquiatras, terapeutas e bibliotecários.

2.2 BIBLIOTERAPIA E O BIBLIOTECÁRIO

A Biblioterapia visa a transformação do comportamento através do autoconhecimento e da utilização de qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos, para obter uma mudança do seu comportamento (FERREIRA, 2003). Alguns aspectos da Biblioterapia guardam semelhança com os métodos utilizados na psicologia clínica e educacional, podendo a mesma vir a ser utilizada em ambos os contextos como apoio de tratamento.

A relação do bibliotecário com a biblioterapia vai diferir, de acordo com sua formação. Se ele for também psicólogo, com formação específica, poderá administrar o processo atuando integralmente como biblioterapeuta. Caso seja apenas bibliotecário, integrará uma equipe multidisciplinar, atuando de formas variadas, porém com menos responsabilidades, ou apenas seletando e preparando os textos a serem usados no processo.

Para tanto um bibliotecário deve possuir: treinamento prático em liderança e organização de grupos, aulas teóricas, leituras sobre o assunto, e workshops para reciclagem e avaliação. Este treinamento é fornecido por associações como a ALA (The American Library Association), que possui uma organização dedicada exclusivamente ao assunto, a Bibliotherapy Fórum, que faz parte da Divisão da Associação e Cooperativa das Bibliotecas Associadas (ASCLA), e pela NAPT (The Nacional Association of Poetry Therapy) ou por entidades psicológicas como as Associações Profissionais e as Associações Científicas (FERREIRA, 2003).

2.2.1 Biblioterapia como Campo de Atuação para o Bibliotecário

Pereira (1996) afirma que foi em 1904, que a biblioterapia passou a ser disciplina da biblioteconomia, porém como prática empírica, passando a ser exercida em hospitais e bibliotecas públicas também. Segundo Pereira (1996, p. 38) a biblioterapia tomou impulso “...durante a segunda guerra mundial, quando bibliotecários leigos, notadamente da Cruz Vermelha, ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do exército”.

Hoje o bibliotecário não só pode ser um gestor, administrador, educador, mas também um biblioterapeuta. Neste campo ele pode desenvolver competências, projetos e agir em conjunto com psicólogos, psicoterapeutas, psiquiatras, enfermeiros, médicos, assistentes sociais, entre outros. Assim afirma Pinto (2005): [...] que a biblioterapia é um bom campo de atuação para o bibliotecário, porém a sua prática necessita contar com a interdisciplinaridade das ciências, que visa a troca de informações, objetivando uma aplicação mais eficiente da biblioterapia.

A atividade do bibliotecário como biblioterapeuta é um aspecto que requer atenção, pois a sua formação exige uma complementação educacional, baseado na psicologia para o exercício desta profissão. Alguns autores, como Ferreira (2003), acreditam que o bibliotecário teria apenas a função de elaborar e selecionar os materiais de leitura. Porém, outros autores acreditam que o treinamento adequado desse profissional já seria suficiente para transformá-lo em biblioterapeuta.

Como foi dito anteriormente a biblioterapia é mais um campo de atuação profissional que se abre ao bibliotecário, porém requer conhecimentos do terreno da psicologia, e da ação conjunta com outras ciências. Seria interessante se a biblioterapia fizesse parte do currículo pedagógico de todas as universidades que oferecem a biblioteconomia como curso, ajudando assim a expandir as possibilidades de conhecimento e adesão as práticas biblioterapêuticas.

2.2.2 Embasamento Filosófico da Biblioterapia

Para Marc-Alain Ouaknin (1996, p. 97), a questão fundamental da biblioterapia é que o homem, como criação contínua, "encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura". A leitura concede ao leitor a liberdade de interpretação, podendo este dar vários sentidos ao texto que leu. Assim a biblioterapia estimula no leitor a sua visão crítica sobre si mesmo, levando-o a reflexão, abrindo-lhe as portas para um novo caminhar, para a dimensão de outras verdades até então desconhecidas.

De acordo com Ouaknin (1996, p. 198), "a biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro", que sublinha que o homem é um "ser dotado de uma relação com o livro".

Essa relação com o livro permite ao homem compreender o texto e consequentemente se compreender. A interpretação é a união da expressão objetiva do texto e da compreensão subjetiva do leitor. Portanto, o que a biblioterapia propõe é a prática da leitura, que leva a interpretação consciente do texto com acompanhamento especializado.

Continuando com Ouaknin (1996, p. 98, 99), "O fundamento filosófico essencial da biblioterapia é 'a identidade em movimento' ou a 'identidade dinâmica', [...] para a biblioterapia, a identidade é um não lugar, pois o 'ser humano é um ser de caminho', um homem em marcha".

Aqui Ouaknin se refere a uma identidade social, que diz respeito ao caráter, nome, profissão, posição social et..., que entra em contato com a identidade dinâmica referente aos modelos de heróis ou valores nos quais a pessoa se reconhece. As histórias expressas nos livros, convidam o leitor a possibilidade de "mudança de direção da trajetória inicial de sua história" (OUAKNIN, 1996, p. 106). Desta forma, os personagens e as situações que aparecem nas histórias ficcionais, permitem ao ouvinte ou ao leitor identificar-se com as identidades narrativas apresentadas no texto, de forma que essa identificação possa ser utilizada de maneira positiva, com o intuito de ajudar a equilibrar e restabelecer o comportamento do leitor.

2.2.3 Trabalhos e Estudos: A Seara da Biblioterapia

Alves (1982) ao considerar o trabalho da biblioterapia nas prisões, defendeu o auxílio a recuperação do presidiário através de um trabalho de reeducação do preso, dando-lhe o direito à informação por meio da leitura e como uma forma de lidar com a tensão causada pela

perda da liberdade. Desta forma, o bibliotecário entraria como um colaborador do psicólogo e do assistente social.

Já o trabalho realizado por Fernández Vasquez (1989), foi totalmente voltado para os idosos do Lar da Previdência Carneiro da Cunha, em João Pessoa, no qual se utilizou de textos ficcionais para sessões de leitura individual ou em grupo, em que pretendia despertar o gosto pela leitura e melhorar a condição mental dos idosos. Assim como os resultados se mostraram satisfatórios, ele sugeriu a inserção de um programa permanente de biblioterapia aos residentes no asilo, pois constatou uma diminuição dos quadros de ansiedade e depressão dos idosos, após as sessões de biblioterapia.

Ainda na Paraíba, pode-se contar com o estudo de Pereira (1996), que desenvolveu um trabalho extraordinário no Brasil, com a biblioterapia para deficientes visuais em João Pessoa. Em que o objetivo principal seria o de ajudar na integração social dos cegos, dando-lhes apoio educacional para uma possível especialização profissional no futuro. Com o intuito de estender esse benefício aos demais portadores de deficiência visual, Pereira propôs a implantação de um programa de biblioterapia para os mesmos em bibliotecas públicas.

Seitz (2006), aplicou a biblioterapia com pacientes internados no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. E constatou que a prática biblioterapêutica foi importante na socialização entre pacientes, do paciente com os enfermeiros e até mesmo com o bibliotecário. Ficando claro que a biblioterapia foi além do seu papel de humanização do meio hospitalar, mas serviu também como fonte de lazer e de tratamento de doenças.

E Caldin (2001b), analisou o projeto _ Literatura infantil e Medicina pediátrica: uma aproximação de integração humana _, desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e cinco subprojetos vinculados ao projeto-matriz “Por uma Política de Incentivo à Leitura”, da Universidade da Região de Joinville.

Esses projetos, desenvolvidos por formandos e acompanhados por professoras do Curso de Letras dessas universidades, desenvolveram um trabalho de terapia por meio da leitura na ala pediátrica de hospitais de Porto Alegre e de Joinville. E constatou-se que o emprego desta prática de leitura dirigida por profissionais, proporcionou as crianças alívio do medo da doença e do ambiente hospitalar, o resgate da imaginação e do lúdico, e finalmente serviu de amparo emocional às crianças enfermas.

Hoje a biblioterapia tem sido exercida em hospitais, prisões, asilos, e no tratamento de problemas psicológicos em crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados.

3 METODOLOGIA

A pesquisa consiste num processo sistemático e científico, para responder a uma pergunta relevante para a comunidade acadêmica e para a sociedade.

Desta forma, há neste meio científico diferentes tipos de pesquisa, tais como pesquisa bibliográfica ou revisão de literatura, pesquisa descritiva, pesquisa experimental, pesquisa explicativa ou interpretativa, pesquisa exploratória, seminário de estudos e estudo de caso.

Assim, diante de uma diversidade considerável de métodos de pesquisa foi escolhida a pesquisa de caráter descritivo, focando nos conceitos e contextos da biblioterapia e da amplitude desse campo para o bibliotecário.

Este trabalho começou a ser realizado no primeiro semestre de 2018, em que houve uma preocupação de fazer um levantamento do que poderia fazer parte da atividade de pesquisa e da feitura do trabalho. E chegou-se à conclusão de que, ainda há pouco material disponível sobre o assunto.

O nível de pesquisa utilizado foi a descritiva de natureza teórica, para tanto utilizou-se conteúdo de caráter científico, para compor o trabalho, proveniente de dissertações, monografias, artigos científicos, teses e livros; fazendo-se uso dos seguintes bancos de dados: Scielo, Portal Capes, Brapcis, Domínio Público, Scirus; além de buscas em bibliotecas físicas e virtuais. Conteúdo este, já analisado, compilado e apresentado, portanto de cunho secundário.

A fonte de dados é bibliográfica, contando com procedimento de coleta documental.

4 ASPECTOS HISTÓRICOS

4.1 História da Biblioteconomia

De acordo com Pinto (2005), o exercício do trabalho bibliotecário se deu primeiramente com o surgimento das primeiras bibliotecas, formadas pela nobreza ou pelo clero. Essas funções geralmente eram exercidas por homens eruditos, eclesiásticos e sem qualquer formação estruturada.

Em meados do século XVIII, mais especificamente em 1751, ocorre o surgimento do termo ‘bibliotecário’, proposto por Diderot e D’Alembert publicado num artigo da famosa ‘Enciclopédia’, nela o bibliotecário é descrito como “Aquele que é responsável pela guarda, preservação, organização e pelo crescimento dos livros de uma biblioteca [...] podendo também o bibliotecário manifestar funções literárias que demandam talento” (DIDEROT, D.; D’ALEMBERT, J. R.², 1993, p. 212 apud PINTO, 2005, p. 35).

Neste conceito publicado e defendido por Diderot e D’Alembert, vê-se que o bibliotecário era visto como um conservador de coleções antigas e não como um gerenciador de coleções, um facilitador da propagação da informação, ficando claro o seu distanciamento do usuário.

Esse modelo de bibliotecário erudito ou eclesiástico permaneceu até o final do século XIX, quando foi criado em 1873 na Escola de Chartes na França o primeiro curso de biblioteconomia com um **viés humanístico**, passando-se assim a institucionalização da profissão, neste curso o objetivo maior era preparar o profissional de forma que ele conseguisse atender as demandas não só das instituições como também dos usuários.

Segundo Pinto (2005), com a criação deste curso foi expedido o primeiro diploma profissional, denominado Certificado de Aptidão as Funções de Bibliotecário (CAFB) e em 1887, Melvil Dewey funda e põe em execução o segundo curso denominado School of Library Economy, na Universidade de Colúmbia nos Estados Unidos, cujo currículo apresentava matérias de **caráter técnico**.

Já na América Latina, o diretor da Biblioteca Nacional (BN), Manuel Cícero Peregrino da Silva, instalou no Brasil o primeiro curso de biblioteconomia e o terceiro no mundo, dentro da própria Biblioteca Nacional, seu objetivo fundamental era formar bibliotecários para atuarem na Biblioteca Nacional de forma a nivelarem a mesma, com as potencialidades das

² DIDEROT, D; D’ALEMBERT, J. R. L’Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et Desméties. Paris: Flammarion, 1995, p. 212.

bibliotecas europeias (MUELLER, 1985). Seu modelo pautava-se pela Escola de Chartes na França (currículo de cunho humanístico).

De acordo com Pinto (2005), em 1929, o Makenzie College criou o seu curso de biblioteconomia coordenado pela bibliotecária americana Dorothy Muriel Gedds, pautado pelo modelo americano (currículo de cunho técnico). E em 1936 o Departamento de Cultura da Prefeitura do Estado de São Paulo, instituiu mais um curso de biblioteconomia para atender as suas necessidades.

No Ceará o Curso de Biblioteconomia foi instituído na Universidade Federal do Ceará em 17 de fevereiro de 1964, iniciou-se com 20 alunos, com estrutura curricular de 24 matérias com duração de 3 anos. A aprovação do curso foi lançada no 3º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Fortaleza, apresentando como figura de destaque a bibliotecária Lydia de Queirós Sambaquy, que pleiteou a implantação deste curso junto ao professor Antônio Martins Filho.

Já no início do século XX, surgiram os programas de pós-graduação e cursos de doutoramento em biblioteconomia, não apenas, “como operação acadêmica, mas também como política de afirmação da cientificidade da atuação bibliotecária nos Estados Unidos e no mundo” (SOUZA, 2003, p. 1).

De acordo com Pinto (2005), para apoiar a profissão, surgiram os primeiros conselhos, associações e órgãos da classe: em 1906, a Associação dos Bibliotecários Franceses (ABF); entre as décadas de 20 e 30, a Associação Paulista dos Bibliotecários (APB), responsável pela criação da Federação Brasileira das Associações dos Bibliotecários (FEBAB).

Pinto (2005) afirma que houve outro fato marcante, a regulamentação da profissão em 1958, com a Portaria nº 162, do Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS), no serviço público federal sendo incluído no 19º grupo de profissões liberais [...] e em 1962, veio a aprovação da Lei nº 4084 que regulamenta até hoje o exercício da profissão de bibliotecário e estabelece as prerrogativas dos portadores de diplomas de biblioteconomia no Brasil. Com a regulamentação da Lei nº 4084, veio o decreto nº 56725/1962, que tornou possível a criação do Conselho Federal e dos Regionais de Biblioteconomia. E em 22 de outubro de 1965 pela Portaria nº 585 do Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS), foi instituído o primeiro Grupo de Trabalho responsável pela primeira eleição da diretoria do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Assim, com a profissão institucionalizada, as universidades passaram a definir um novo perfil de habilidades e conhecimentos para o bibliotecário, que possa atender as demandas por informação exigidos pela sociedade atual.

Desta forma a Special Library Association (SLP) deixa claro, algumas obrigações referentes a profissão de bibliotecário (GOMEZ-FERNANDEZ, 1999 apud PINTO 2005, p.37):

Conhecimentos e Habilidades:

- Possuir conhecimentos sobre recursos informacionais, incluindo a habilidade de avaliá-los e filtrá-los criticamente;
- Desenvolver a gestão de serviços;
- Promover a capacitação e fornecer suportes para os usuários dos serviços de informação;
- Avaliar as necessidades e planejar os modelos de serviços e produtos informacionais, entre outros...

Qualidades Pessoais que um bibliotecário deve expressar:

- Compromisso com a qualidade dos serviços;
- Habilidade de comunicação, despertar confiança, e respeito;
- Compromisso com a educação continuada e com o desenvolvimento da profissão;
- Flexibilidade e resiliência, entre outras...

Hoje pode-se dizer que o bibliotecário é um profissional institucionalizado, que conta com apoio teórico e técnico para o gerenciamento da informação e do documento independentemente da forma como se apresente, pois como afirma Calenge (1998, p. 11) “a biblioteconomia se constrói sobre modelos que exigem processos de ação”, desta forma a biblioteconomia não pode ser pensada como um campo estático, mas sim como um campo dinâmico da sociedade.

4.2 História da Biblioterapia

A biblioterapia como procedimento de restabelecimento da saúde mental e comportamental, já vem de épocas remotas, desta forma foram encontradas bibliotecas antigas anteriores as medievais, que já preconizavam o valor terapêutico da leitura. Segundo Pereira (1996, p. 30) “Os gregos afirmavam que suas bibliotecas eram repositórios de remédios para o espírito, enquanto que os romanos achavam que as orações poderiam ser lidas para pacientes melhorarem sua saúde mental [...] na Roma do primeiro século, a leitura e a medicina estavam associadas”.

Um exemplo emblemático disso é a questão do uso da bíblia, que comumente é usada para fazer Biblioterapia Pessoal, neste caso ela proporciona conforto, esperança e cura espiritual diante de circunstâncias trágicas.

O uso da biblioterapia surgiu primeiramente na América do Norte, por volta da primeira metade do século, executada por médicos americanos de 1802 a 1853, nos quais os títulos eram cuidadosamente selecionados e adaptados as necessidades individuais dos pacientes.

Pereira (1996) destaca ainda que, em 1904 a biblioterapia passa a funcionar como um ramo da biblioteconomia. [...] e no final do século XVIII, algumas instituições humanitárias, especialmente o Pinel na França, o Chiarugi na Itália e Tuke na Inglaterra, procuraram melhorar a saúde dos pacientes oferecendo leitura como recreação.

A partir do começo do século XIX, a biblioterapia começa a se espalhar com mais intensidade para hospitais e prisões, mas realmente ganhou impulso com o advento da Primeira Guerra Mundial, quando bibliotecários que faziam parte da Cruz Vermelha, ajudaram a construir bibliotecas rapidamente nos hospitais do Exército (PEREIRA, 1996).

Dáí por diante a biblioterapia ganhou relevância, tornou-se institucionalizada, profissionalizada e especializada, de forma a exercer o seu papel de leitura dirigida e discussão de grupo, assim a partir da década de 40 produziram-se mais publicações e pesquisas significativas.

Como foi constatado, a biblioterapia está mais comumente ligada ao ambiente hospitalar, mais a tendência é a sua constante expansão para outras áreas do conhecimento humano, um exemplo disso seria o uso que se faz da literatura como técnica de aconselhamento, e a partir da década de 60 passou-se a ser utilizada junto aos cegos como técnica para facilitar a vida social e profissional destes (PEREIRA, 1996).

Seja a biblioterapia identificada como arte ou ciência, ela prova a sua relevância não só no amparo que presta a sociedade, como também desenvolve a imaginação e o senso crítico.

4.2.1 Biblioterapia na Biblioteconomia

A biblioterapia seria um refinamento do antigo aconselhamento de leitura, e a leitura abriu precedentes para outras funções biblioteconômicas como por exemplo: o serviço de referência.

O primeiro programa de assistência ao leitor foi sugerido em 1876 por Samuel Sweet Green, da Worcester Public Library, mas foi apenas a partir de 1877 na Harvard University que se iniciou verdadeiramente o primeiro serviço de referência, isso abriu precedentes para Melville Dewey da Columbia College, adotar a ideia da Biblioteca Moderna de ajuda aos Leitores (PEREIRA, 1996).

De acordo com Pereira (1996) o termo ‘Serviço de Referência’ foi consolidado a partir da publicação do Library Journal, para substituir os termos ‘Ajuda aos Leitores’ e ‘Assistência aos Leitores’ em 1891.

Desde 1900, o serviço de referência se expandiu pelos Estados Unidos e, nas décadas de 20 e 30 o serviço de aconselhamento ao leitor, ganhou grande importância junto as funções biblioteconômicas. E na década de 40, Flexner já se encontrava desenvolvendo programas de leitura para grupos variados tanto a nível local quanto nacional (PEREIRA, 1996). “Esse projeto de leitura iniciado desde 1931 é precursora da biblioterapia, pois ela formou listas de leituras para adultos em liberdade condicional depois de entrevistar os indivíduos envolvidos” (PEREIRA, 1996, p. 34).

Por volta da década de 40, muitos dos serviços de aconselhamento ao leitor foram absorvidos pelo Departamento de Educação de Adultos das Bibliotecas Públicas, um exemplo disso foi o “Programa Grandes Livros” desenvolvido pela Universidade de Chicago em 1945. Esse programa adotava livros para leitura orientada terapeuticamente, passando a se chamar mais tarde como biblioterapia. Assim pode-se chegar à conclusão que, o serviço de referência consolidou o trabalho de biblioterapia em hospitais, prisões etc...

Agora, quando se fala nas bases da Biblioterapia em Grupo, foi possível perceber que na Biblioteconomia, o alicerce ou o ponto de partida inicial foi através do Serviço de Referência, que impulsionou a Educação Bibliotecária voltada para o Adulto, os Guias de Leitura, Serviços de Grupo, Biblioterapia Individual, chegando finalmente em Biblioterapia de Grupo, enquanto que na Psicologia, a sua origem se dá na Psicanálise que por sua vez desenvolveu a Psicoterapia de Grupo que se ramificou em Dinâmica de grupo e Terapia de Grupo resultando na Biblioterapia de Grupo (RUBIN³, 1978, apud PEREIRA, 1996).

³ RUBIN, Rhea Joyce. Dinamic. In:_. A Guide to Theory and Practice. London: Ory Press, 1975. p. 2760.

4.2.2 Biblioterapia na Psicologia

A princípio a história da terapia de grupo foi registrada em 1905, quando o Dr. Joseph Plat começou com um grupo de aulas para pacientes tuberculosos. Mas a frente em 1931, Jacob Moreno criou o termo ‘Terapia de Grupo’, ele já vinha aprimorando a técnica desde 1910, seu trabalho se tornou a base fundamental para o treinamento dos Bethel Laboratories, em 1946, que mais tarde levou ao desenvolvimento dos modernos ‘Grupos T’ (PEREIRA, 1996).

No campo da psiquiatria a terapia de grupo ganhou impulso a partir da Segunda Guerra Mundial, na qual vários tipos de terapias individuais, mais especialmente as de grupo se desenvolveram bastante para dar conta da demanda das consequências psicológicas da guerra.

Na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1943), iniciou-se uma profusão de trabalhos significativos no campo da Biblioterapia, a princípio tratando da Biblioterapia para adultos em pacientes hospitalizados. Depois houve uma propagação de artigos, estudos, pesquisas, dissertações... que ajudaram a amplificar a magnitude da biblioterapia, atingindo o interesse de outros campos do conhecimento humano como: a Enfermagem, Ciências Comportamentais (Psicologia, Ciências Cognitivas), Terapia Ocupacional, Psiquiatria e a Educação.

De acordo com Pereira (1996) A American Library Association conhecido como ALA Bibliotherapy Commitee, desde da década de 50, já vinha investindo de forma significativa em estudos e pesquisas para alcançar a filosofia e o conhecimento das práticas da biblioterapia. Nesses 30 anos de estudo, o conhecimento alcançado a partir desta iniciativa, tem influenciado as práticas mecânicas e dinâmicas da bilioterapia e na solução de problemas da comunidade ao longo do tempo.

Pereira (1996, p. 39) “constata, que nos anos 70, muito tempo foi consumido para oferecer uma ampla base de desenvolvimento da Biblioterapia como campo, incluindo os programas de compreensão do assunto”.

Mas foi notadamente na década de 80 que foram feitos investimentos consideráveis não só nas áreas de pesquisa e métodos, como também relacionado a educação, com a intensão de alcançar padrões e certificados para biblioterapeutas treinados ou especializados.

Hoje pode-se afirmar que a Biblioterapia possui a estrutura educacional necessária para uma formação aprofundada e institucionalizada, tanto no campo da Biblioteconomia quanto no campo da Psicologia.

5. CONCEITUALIZAR E DEFINIR: BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia destaca-se como um valioso recurso terapêutico, não só no tratamento de doentes mentais, como também de pessoas que necessitem de reequilíbrio emocional e comportamental, ficando claro assim que, a biblioterapia é de grande valor junto à sociedade.

Como já foi dito anteriormente o termo 'biblioterapia' só foi definido em 1941, no dicionário Dorland's Illustrated Medical Dictionary, como "o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doentes mentais" (RATTON, 1975 apud VASQUEZ, 1989, p. 34).

Segundo Oliveira et al (2011, p. 3):

Esta modalidade foi definida como um programa de atividades baseadas no processo interativo das pessoas que o experimentaram, onde o material impresso ou não impresso, imaginativo ou informativo, é experienciado e discutido com ajuda de um facilitador, ou seja, de um bibliotecário munido de habilidades interdisciplinares.

Ferreira (2003, p. 36) explica o termo biblioterapia da seguinte forma:

Biblioterapia é um termo derivado das palavras latinas para livros e tratamento. 'Biblio' é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e terapia significa cura ou restabelecimento. A Biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em uma integração bem-sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E inclui todo tipo de material, inclusive os não-convencionais.

Para Arleen McCarty Hynes⁴ (1987 apud FERREIRA, 2003, p. 38) a Biblioterapia é uma técnica para promover a integração bem-sucedida de valores e ações da pessoa que está se submetendo ao processo psicoterápico (nem todas as formas de biblioterapia utilizam técnicas psicoterápicas), podendo assim ser utilizadas para o desenvolvimento pessoal.

Desta forma pode-se conceitualizar biblioterapia, como um processo terapêutico baseado na literatura (a leitura é vista no seu conceito mais amplo e criativo), contando com a utilização de materiais diversos e selecionados (bibliográficos, eletrônicos, audiovisuais

⁴ HYNES, Arleen Mc Carty. Bibliotherapy: the interactive process. Catholic Library World, Há verford, v.58, n.4, jan./fev. 1987, p.167-170.

etc....) com o objetivo de provocar o insight e a catarse através de discussões e reuniões orientadas para um grupo constituído de maneira uniforme.

Assim Ferreira (2003, p. 38) reitera que “A Biblioterapia se constitui então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal”.

Outro termo que também faz parte do universo da biblioterapia é ‘Bibliotecário’ ou ‘Conselheiro’. Em 1951, a University of Illinois – Department of Library Instruction and Advisement planejou implantar um projeto que continha a educação geral, instrução de biblioteca e um conselho estudantil. Desta forma, escolheram quatro bibliotecários para se tornarem “Bibliotecários Conselheiros”. Esses bibliotecários receberam treinamento para incentivar as pessoas a selecionar seus livros por elas mesmas, de acordo com suas necessidades, de maneira a tornar os usuários/leitores mais independentes. O aconselhamento tinha por objetivo a transmissão da informação e a solução de problemas mais ou menos imediatos (PEREIRA, 1996).

Pereira (1996, p. 48) afirma que, “o trabalho de aconselhamento dos leitores e da Biblioterapia, com as atenções voltadas para as necessidades dos indivíduos, geralmente aproxima-se do aconselhamento psicológico”.

Para Pereira (1996) o termo ‘biblioterapia’ é considerado inexato, impreciso, genérico demais para os dias atuais, o que gerou muitas discussões e a criação de novas terminologias como: Bibliofilaxia, Bibliogomia, Literapia entre outros, que logo foram absorvidos pelos campos da psicologia e da psiquiatria.

Pereira (1996) justifica a sua afirmação deixando claro que, o prefixo ‘biblio’ é muito limitado, para ser utilizado na atualidade, pois hoje já se faz uso de materiais audiovisuais (filmes, músicas, teatro, entre outros) com o intuito de prender a atenção do público alvo, e o sufixo ‘terapia’ também não parece uma escolha muito acertada de acordo com a avaliação da autora, pois a palavra ‘terapia’ possui significado de cura. E de acordo com Pereira (1996) a Biblioterapia não se restringe apenas a cura, mas envolve também a busca pela mudança de comportamento, resolução de problemas, entender-se a si mesmo e o mundo que o cerca. Mas por falta de um termo mais apropriado que atenda a magnitude da biblioterapia, esse termo continua a ser utilizado até hoje, por falta de uma denominação mais precisa e eficiente.

Continuando com os demais autores, para Shrodes⁵ (1943 apud FERREIRA, 2003) “Biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a

⁵ SHRODES, Caroline. Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkel.

literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”. A autora vê a literatura ficcional como um meio de afetar e de reajustar o interior do indivíduo, por tanto esta, incentiva a cooperação entre bibliotecários e psicólogos, pois entende a biblioterapia como um dos serviços da biblioteca.

Orsini (1982 apud CALDIN, 2001a, p. 35) diz que, a “Biblioterapia é uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais”. Classifica os objetivos como sendo de: nível intelectual, nível social, nível emocional e nível comportamental. Assim, a biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o autoconhecimento pela reflexão, reforçar padrões sociais desejáveis, proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxiliar na mudança de comportamento dos indivíduos (ORSINI, 1982 apud ROSA, 2006).

Pinto (2003, apud SILVA, 2005) entende que:

A Biblioterapia como uma atividade terapêutica que se utiliza de textos verbais e não-verbais, da produção textual, das formas de expressão e de outros objetos lúdicos como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença, seja ela física ou mental, ou ainda que estejam experimentando uma etapa particular ou específica em suas vidas (...).

Vê-se aí que a Biblioterapia entra mais uma vez como elemento coadjuvante em tratamentos mais aprofundados ligados ao campo de psicologia e psiquiatria.

Fernández Vázquez (1989, apud SILVA, 2005, p. 30) afirma que “A Biblioterapia, ou ‘medicina do intelecto’, é um complemento extremamente importante no tratamento do paciente”.

Ratton (1975, apud SILVA, 2005, p. 55) enxerga na Biblioterapia o “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e também: “Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”. Desta forma, este autor também entende a Biblioterapia como auxílio terapêutico, um complemento de tratamento, um coadjuvante no tratamento na psicoterapia.

Voltando em Orsini (1982, apud SILVA, 2005), este afirma que:

O termo Biblioterapia não envolve o tratamento; trata-se de uma técnica largamente usada, tanto para fins de diagnóstico, como também medida

profilática. Isso equivale dizer que, em termos gerais, a Biblioterapia pode ser vista sob o prisma de diagnóstico, tratamento e prevenção.

Ferreira (2003, apud SILVA, 2005, p. 36) declara que:

O componente que torna a Biblioterapia uma técnica de aconselhamento é naturalmente um biblioterapeuta que pode ser qualquer um dos profissionais que atuarão conjuntamente neste programa (psicólogo, bibliotecário, ou assistente social).

Aqui a autora deixa claro que o profissional bibliotecário quando bem treinado e portador e executor das técnicas biblioterapêuticas é perfeitamente capaz de atuar neste meio, que envolve outros campos do conhecimento cognitivo de forma mais ampla.

Caldin (2001b, apud SILVA, 2005, p. 10) alega que “A Biblioterapia é uma ferramenta útil no combate as tensões da vida diária e age como pacificadora das emoções ao realizar a catarse pela fruição do literário e satisfazer as necessidades estéticas do ser humano”. Além disso favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos e auxilia na comunicação das crianças e moderação das emoções infantis.

E para Seitz (2006, p. 19):

A Biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento. Devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas.

Pode-se concluir disto que, a leitura na biblioterapia, bem conduzida e orientada por profissionais experientes ou bem treinados, busca auxiliar as áreas do conhecimento cognitivo, com a intenção de construir um processo interativo de valores, envolvendo ações e sentimentos com a finalidade de restabelecer a saúde total do indivíduo, no tocante a harmonia e desenvolvimento pessoal. E foi possível perceber também que não existe um conceito exato para a biblioterapia, ficando claro que o conceito ou definição vai depender do tipo de paciente atendido, do local de tratamento e do tipo específico de biblioterapia que será aplicada. Deixando evidente a necessidade de definir ‘Biblioterapia’ a partir de uma percepção mais criativa, que compreenda as necessidades existentes e conduzir tipos de biblioterapia que sirvam a essas necessidades (PEREIRA, 1996).

6. ELEMENTOS BIBLIOTERAPÊUTICOS: A LEITURA NA BIBLIOTERAPIA

De acordo com Ferreira (2003), na biblioterapia costuma-se utilizar dois tipos de literatura para tratamento, a literatura de ficção _ que facilita a projeção das dúvidas nos personagens _ e a literatura didática, porém as técnicas utilizadas nesses dois tipos de literatura são iguais, que seriam, a universalização, a identificação, a catarse e o insight.

Shrodes⁶ (1949, apud FERREIRA, 2003, p. 41), no seu importante trabalho sobre biblioterapia, procurou dar um enfoque puramente psicanalítico, fazendo uma análise minuciosa dessas técnicas que a autora chamou de fases, embora ela tenha se concentrado apenas no estudo da literatura ficcional. Mas mesmo assim é importante conhecer a visão de Shrodes, sobre essa particularidade da biblioterapia, devido a sua inteligente definição das várias fases da biblioterapia.

Shrodes (1949, apud FERREIRA, 2003, p. 41) definiu as quatro fases _ identificação, projeção, ab-reação e catarse, insight _ da seguinte forma:

Segundo ela, a **identificação seria a primeira fase** com a expressão das impressões sobre o personagem, seguida de agrado ou desagrado com as opiniões e o comportamento do personagem. A **segunda fase do processo seria a de projeção** (consciente e inconsciente) dos seus motivos pessoais (do indivíduo) na trama representada pelos personagens. As projeções cognitivas ainda fariam parte dessa fase, e se manifestariam através da superposição de um ponto de vista moral à estória, dedução de valores e explicação das consequências de acordo com uma teoria pessoal sobre a vida. **A terceira fase se caracteriza por evidências de um processo emocional de identificação (Ab-reação e catarse)** com atitudes como culpa, ansiedade, tensão, expressão da raiva contra a personagem ou autor, finalizando com um processo de transferência. **A quarta e última fase é a do insight**, quanto as evidências de auto-reconhecimento nas situações apresentadas derivam em incorporação de novos conceitos e uma integração da maior personalidade do indivíduo (o que antes eram aspectos inconscientes do caráter tornando-se integrados).

Caldin (2001a) por sua vez apresenta os elementos ou componentes biblioterapêuticos, de forma mais ostensiva e simples, fundamentando-se na visão de Aristóteles e Freud.

⁶ SHRODES, Caroline. Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley.

Assim ao falar da leitura como uma função terapêutica, pressupõe-se a ideia de ‘terapia’ como a utilização de textos literários para a cura, mais é muito mais que isso, porque envolve também a ideia de ‘prevenção’ e ‘cuidado’, por isso que os primeiros terapeutas ou eram médicos ou filósofos – pessoas que cuidavam da mente e do corpo.

Sendo Caldin (2001a, p. 37-39) os elementos biblioterapêuticos são:

- Cartase _ Caldin aqui se utiliza das palavras de Aristóteles (1966) para explicar a cartase, como uma ‘alegria serena’ que “advém da leitura de narrativas que transformam em fruição a piedade e o temor”. Desta forma entende-se, que para Aristóteles, toda experiência poética ou narrativa é catártica, por esse motivo ele se ocupou de utilizar o vocabulário médico, no qual constava que cartase, seria um meio de purificação do corpo de elementos nocivos, sendo que Aristóteles se utilizou no sentido de purificação psicológica e intelectual, estendendo assim o significado de cartase ao fenômeno estético da literatura. Desta forma, cartase pode ser entendida como a purificação da mente pela liberação de elementos emocionais negativos, trazendo serenidade e pacificação a psique.
- Humor _ aqui Caldin se utiliza da visão freudiana para explicar a utilização do humor na biblioterapia como uma possibilidade terapêutica por meio da leitura. E este deixa claro, que o humor seria a configuração do triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer. “O humor é, pois, a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. É a ação do superego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor” (FREUD, 1969 apud CALDIN, 2001a, p. 38).
- Identificação _ de acordo com o Vocabulário de Psicanálise, escrito por Laplanche e Pontalis (1994, p. 226) identificação é "um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro". Reproduzindo mais uma vez o modo como Freud defendia a ‘identificação’.
- Introjeção _ de acordo com Laplanche e Pontalis (1994 apud CALDIN, 2001a, p. 9), “o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de fora para dentro, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”. Sendo que a introjeção leva a um processo de investigação

analítica por parte do leitor, daí pode-se dizer que a introjeção faz parte da universalização da leitura, no tocante a aceitação ou rejeição das características apresentadas pelos personagens que trazem em si alguma semelhança com a realidade.

- **Projeção** _ para Caldin (2001a, p. 10), “a projeção é a transferência aos outros de nossas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos”. E de conformidade com o Vocabulário de Psicanálise escrito por Laplanche e Pontalis (1994, p. 374), a projeção é, “no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos que lê, desconhece, ou recusa nele.”
- **Introspecção** _ a introspecção começa quando o leitor se identifica não só com a personalidade dos personagens, como também com os seu comportamento, atitudes, qualidades e defeitos, enfim com as suas idiossincrasias. Essa identificação leitor/personagem por consequência, levaria a observação dos processos mentais intrínsecos do indivíduo, por ele mesmo, o que é chamado por Cadin (2009) de “percepção interna” ou “ato deliberado da consciência”. Assim sendo, a leitura leva a reflexão de sentimentos, experiências, emoções etc... podendo gerar uma melhora no comportamento e aumento da compreensão e empatia em relação aos outros.

Ferreira (2003) chama a isto de “**visão transacional da leitura**” que se dá a partir do ato da leitura em que aquilo que foi lido é assimilado, sofre elaborações internas criando-se um novo conhecimento e uma nova percepção da realidade, que vai afetar diretamente o comportamento do indivíduo.

É natural que quando uma pessoa lê, crie um texto paralelo ao que está sendo lido. Esse texto paralelo seria um produto do conhecimento recentemente internalizado, com as experiências que são intrínsecas aquele que leu, o que faz com que cada “texto paralelo” seja diferente para cada leitor.

Segundo Ferreira (2003, p. 42):

O texto criado pelo leitor está baseado em interferências, referências e co-referências de esquemas individuais de percepção. E é nesse texto que o leitor irá se basear quando alguém lhe pedir que explique o que leu.

O texto paralelo criado por ele é o texto que ele realmente compreendeu. A criação de um novo texto é concomitante ao significado que o texto adquire para o leitor. Conceitos podem ser transmitidos, mas significados são pessoais e intransferíveis.

Desta forma, Ferreira (2003), conclui que um leitor seria capaz de compreender um texto em três níveis diferentes:

- O fazer sentido_ a capacidade de entender as situações vividas pelos personagens;
- O entendimento cognitivo _ a capacidade de fazer relações e associações com as situações do dia-a-dia e compreender seus problemas a partir delas;
- Empatia completa _ identificação total com o personagem, e capacidade de admitir traços do caráter do personagem como seus.

Por isso, é de suma importância que o bibliotecário esteja capacitado para selecionar textos com qualidade literária que, permita a imersão daquele que o lê, e a compreensão e a construção em vários níveis, além disso, tem que se levar em consideração também a condição psicoeducacional do leitor envolvido, e só assim será possível alcançar uma biblioterapia com resultados positivos e bem-sucedida.

7. TIPOS DE BIBLIOTERAPIA

De acordo com Caldin (2001a, apud FERREIRA, 2003, p. 44), “a biblioterapia constitui-se em uma atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem”. Essa interdisciplinaridade constitui um objetivo comum, que é uma aplicação mais efetiva da biblioterapia, visando a mudança de comportamento ou a autocorreção do leitor/paciente. Desta forma, os especialistas chegaram à conclusão que existe três tipos de biblioterapia: a Biblioterapia Institucional, a Biblioterapia Clínica e a Biblioterapia para Desenvolvimento Pessoal.

7.1 Biblioterapia Institucional

Conforme Pereira (1996, p. 50) a biblioterapia institucional “Inclui o uso médico tradicional de Biblioterapia, cujos textos (didáticos) de higiene mental são recomendados a pacientes mentais”.

É aplicada em pacientes institucionalizados e de forma individual.

Neste tipo de biblioterapia, o bibliotecário atua de forma conjunta com um médico para selecionar material de leitura específico para cada tipo de doença.

“O objetivo deste tipo de terapia é principalmente informativo e recreativo” (PEREIRA, 1996, p. 50).

7.2 Biblioterapia Clínica

Segundo Ferreira (2003, p. 38):

Biblioterapia clínica é destinada às pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral, etc. Sua aplicação tem sido predominantemente em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, embora ocorra também em clínicas privadas.

Esse tipo de biblioterapia pode ser aplicada num grupo seletivo ou individualmente. Seu objetivo é atingir pessoas com algum tipo de desequilíbrio mental ou distúrbio comportamental, que receberão literatura imaginativa, voluntariamente ou não, visando a

melhora do quadro psíquico ou solução do problema apresentado. Além disso, essa biblioterapia requer todo um planejamento muito bem estruturado, contando com a participação de psicoterapeutas, médicos e bibliotecários.

7.3 Biblioterapia para Desenvolvimento Pessoal

Esse tipo de biblioterapia é voltada para as pessoas consideradas normais, no qual se utiliza literatura imaginativa e/ou didática, com programas educativos muito bem estruturados que vão atender crianças, adolescentes e adultos, geralmente aplicado em grupo, possui caráter preventivo e corretivo, geralmente ele é feito em escolas, bibliotecas públicas, centros comunitários ou religiosos.

O Bibliotecário aqui desempenha o papel do educador.

Ferreira (2003), a partir do dicionário de educação Lack ⁷(1985, p. 28-29) define desta maneira a Biblioterapia para o Desenvolvimento Pessoal.

O uso de livros para influenciar o desenvolvimento total da personalidade, é um processo de interação entre o leitor e a literatura, que é utilizada para o enriquecimento da personalidade, seu ajustamento e desenvolvimento, com objetivos clínicos de higiene mental e ajustamento social.

De acordo com Ferreira (2003, p. 40) “[...] este tipo de Biblioterapia é utilizada para complementar a educação formal, através de discussões orientadas e leitura dirigida.” Requer a participação de profissionais treinados com leitura orientada, não podendo ser conduzido como uma terapia formal e costuma ser aplicada em grupos homogêneos, com a mesma faixa etária.

Marcincko⁸ (1989, apud FERREIRA, 2003, p. 41) discorre sobre a ação do bibliotecário neste tipo de biblioterapia da seguinte forma:

Dessa forma, seria responsabilidade do bibliotecário estar atento a estes detalhes, e procurando corresponder às necessidades de cada faixa etária durante o seu trabalho biblioterápico. Seus usuários e clientes potenciais devem ser informados de como o programa biblioterápico está estruturado e opinar sobre ele e o seu desenvolvimento. É responsabilidade do bibliotecário

⁷ LACK, Clara R. Can bibliotherapy go public? Collection Building, v.7, n.1, Spring 1985, p.27-32.

⁸ MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. Current studies in Librarianship, v.13, n.1/2, Spring/Fall 1989, p.1-5.

identificar o problema do seu usuário antes de planejar ou organizar qualquer programa. Esta identificação poderá ser feita pelo próprio bibliotecário (se tiver formação profissional para isso), ou em conjunto com outro especialista, que pode integrar a equipe educacional da escola (psicólogo escolar) ou a equipe de saúde (psicólogo clínico, hospitalar).

E além do mais o bibliotecário tem que ficar atento, pois “...vale destacar que não é a designação o mais importante na atividade de terapia da leitura, mas, o resultado obtido...” (CALDIN, 2001a).

8. OBJETIVOS DA BIBLIOTERAPIA

Primeiramente, a biblioterapia proporciona um espaço para os terapeutas ajudarem seus clientes a compreenderem melhor os seus problemas, com a ajuda de técnicas de relaxamento e de recreação, criar um ambiente no qual eles possam falar dos seus problemas e ajudá-los a concentrarem-se um pouco melhor em si mesmos, fazê-los enxergar que outros já passaram pelas mesmas situações e que há solução para os seus problemas, e criar um ambiente de discussão sobre o acontecimento de um livro, de forma objetiva para aplicar à vida cotidiana (PARDECK, 1998).

Segundo Pereira (1996, p. 53) “Essa orientação consiste em promover encontros efetivos entre pessoas e livros, e é tida como parte da tarefa do programa educacional da biblioteca”.

No entanto, a biblioterapia possui um suporte científico limitado, é muito criticada por não ser considerada uma ciência exata, mas também pode ser considerada uma das terapias mais complexas que existem, pois exige que o terapeuta ou bibliotecário ‘biblioterapeuta’ tenha competências de seleção de literatura ou livros de autoajuda (conforme o tipo de Biblioterapia que será usada), e adequá-los ao problema que o paciente se encontra a viver, e ainda, utilizar esses recursos literários com fins terapêuticos (PARDECK, 1998).

Bryan⁹ (1939, apud PEREIRA, 1996, p. 53) apresenta uma lista contendo cinco objetivos:

- Evidenciar para o leitor que ele não é o primeiro a sentir o problema;
- Fazer ver ao leitor que existe mais de uma solução para o seu problema;
- Ajudar o leitor a ver os valores envolvidos na sua experiência em termos humanos;
- Oferecer fatos necessários para a solução do seu problema;
- Encorajar o leitor a encarar realisticamente o seu problema.

Kenneth (1944, apud PEREIRA, 1996, p. 53) discorre sobre os objetivos da biblioterapia do seguinte modo:

[...] a Biblioterapia pode ser usada como meio de aquisição de informação e conhecimento sobre psicologia geral e psicologia do comportamento humano; a leitura pode ser necessária para capacitar o indivíduo a viver o

⁹ BRYAN, Alice J. Can There be a Science of Bibliotherapy. *Library Journal*, v. 64, p. 773-776, oct. 1939.

tema “conhece-te a ti mesmo”. A leitura pode ser aconselhada para extroverter o paciente e aumentar o seu interesse por outra coisa fora de si próprio. Outros propósitos podem ser: elevar o interesse e o conhecimento por realidades externas ou efetuar um curso controlado do processo inconsciente ou ainda oferecer oportunidades para identificação e compensação. Seu objetivo final é ajudar os pacientes a viverem mais efetivamente.

Beatty¹⁰ (1962, apud PEREIRA, 1996, p. 54) ressalta alguns objetivos sobre biblioterapia, mencionando que a leitura terapêutica pode ajudar o paciente/leitor a entender melhor as suas próprias reações, conflitos e frustrações psicológicas e fisiológicas. Por outro lado, pode estimular a autoanálise entre as entrevistas, amenizando atitudes e padrões de comportamento desequilibrados ou impulsivos. A leitura terapêutica pode ainda reforçar padrões sociais e culturais, inibindo padrões infantis de comportamento, estimulando a imaginação e ampliando as áreas de conhecimento do paciente.

Alston¹¹ (1962, apud PEREIRA, 1996, p. 54) ressalta alguns objetivos:

O paciente encontrará coragem para entrar em terapia ou discutir um problema particular depois de ler sobre determinado assunto, mostrando que os livros podem ser usados para ajudar os pacientes a obterem maior compreensão, sobre os seus problemas, adquirindo linguagem e ideias que lhes permitem comunicarem esses problemas. A leitura de livros pode ajudar o paciente no processo de socialização, oferecendo algo que ele pode compartilhar, possibilitando a troca de ideias entre as pessoas; geralmente, as pessoas podem encontrar outros caminhos e atitudes através dos livros.

Menninger¹² (1958, apud BEATTY, 1962) por fim, dividiu os benefícios da biblioterapia em três partes:

Identificação, estímulo e gratificação narcisista. E ainda mostrou como a experiência de um livro pode ocasionar uma aberração da emoção, alívio pelo reconhecimento de que outros possuem problemas similares ou projeção de suas características no caráter. Se o usuário é estimulado a comparar suas

¹⁰ BEATTY, Willian K. A Historical Review Bibliotherapy. Library Trends, Illinois, v. 11, p. 106-117, oct. 1962.

¹¹ ALSTON, Edwin F. Bibliotherapy and Psychotherapy. Library Trellidj, Illinois, v. 11, n. 2, p. 159-176, oct. 1962.

¹² MENNINGER, K. et. al. The unitary concept of mental illness. Bulletin of the Menninger Clinic, 22:4-12, 1958.

ideias e valores com as do autor, isso pode resultar em mudança de atitude. O autor também procura evidenciar que o leitor pode alcançar gratificação narcisista, escapando de seus conflitos através de fantasias, fazendo contato com a realidade, ou inquirindo conhecimentos através da leitura didática.

9. O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA BIBLIOTERAPIA

9.1 O Bibliotecário como Biblioterapeuta

O papel do bibliotecário na aplicação da biblioterapia vai depender da sua formação em outro campo científico específico; levando-o a ter uma atuação mais educacional, psicológica ou médica (SMITH¹³, 1989, apud FERREIRA, 2003, p. 42).

Alguns autores acreditam que o bibliotecário deve apenas selecionar o material a ser utilizado, outros acham que após um treinamento especial ele estará apto a aplicar a biblioterapia (ALVES, 1982).

Mas o que vai definir, realmente, a atuação ou o papel do bibliotecário no campo da biblioterapia, é a sua formação profissional específica e sua interação com outros profissionais: como psiquiatras, psicólogos, psicoterapeutas, assistentes sociais entre outros.

Para tanto foram criadas algumas diretrizes básicas, a serem seguidas pelo bibliotecário na elaboração e conclusão do processo de aplicação da biblioterapia (FERREIRA, 2003, p. 43):

- a) Escolha de local adequado para a realização das reuniões do grupo de biblioterapia;
- b) O bibliotecário deve estar capacitado e treinado para conduzir as discussões do grupo;
- c) Deve formar grupos homogêneos de acordo com a leitura e tema a serem discutidos;
- d) Deve elaborar listas de material bibliográfico adequadas às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidade a nível cultural e social dos participantes;
- e) Ainda que não haja aplicação de terapia ou psicoterapia, como em alguns casos de biblioterapia para crianças, é necessário estabelecer uma situação de ajuda entre o bibliotecário e o usuário, a partir daí será possível elaborar um programa estruturado;
- f) O bibliotecário ou biblioterapeuta, deve usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado, no qual ele já tenha conhecimento prévio;
- g) Deve selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;

¹³ SMITH Alice G. W. The real biblioterapist please stand up? Journal of Services in libraries, v.2, n.3, p.214-249, spring 1989.

- h) Deve selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema, como poesias sobre suicídios, por exemplo;
- i) Deve selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da pessoa, sua capacidade individual de leitura e suas preferências culturais e individuais;
- j) E por fim deve selecionar material impresso e não impresso na mesma medida.

Essas regras básicas podem levar o bibliotecário, a um aprofundamento na análise e conhecimento que é próprio do processo biblioterapêutico, seja sob a aspecto cognitivo ou afetivo, e de acordo com a sua formação profissional específica (FERREIRA, 2003).

Já o bibliotecário que tenha o interesse de trabalhar com pacientes psiquiátricos na área de biblioterapia deve possuir as seguintes características (CUBILLOS, 2008):

Competências Pessoais

- Comunicação interpessoal com diversos tipos de usuários;
- Capacidade de aprendizagem contínua;
- Estabilidade pessoal;
- Gostar de trabalhar com pessoas;
- Capacidade de trabalhar em equipe;
- Empatia;
- Sensibilidade;
- Paciência e espírito dinâmico.

Conhecimentos

- Conhecimento da área de especialização;
- Informação atualizada sobre as tendências, pautas de conduta, diretrizes e serviços;
- Domínio da terminologia e recursos terminológicos da área da saúde;
- Recursos de informação especializada;
- Fundamentos técnicos e profissionais para o estabelecimento de serviços orientados aos usuários;
- E critérios éticos para dar uma atenção de qualidade ao paciente.

Agora quando se fala de obrigações, Menninger (1958, apud PEREIRA, 1996, p. 57) evidencia as responsabilidades do médico e do bibliotecário no programa de tratamento biblioterapêutico;

Ao médico recairia a responsabilidade de indicar o conteúdo da biblioteca; compor uma lista semanal de leituras para os pacientes; e manter discussões com os pacientes sobre leituras terapêuticas. Ao Bibliotecário caberia a função de aquisição, manutenção e distribuição dos livros; ter conhecimento do conteúdo dos livros; fazer parte das entrevistas com os pacientes para se manter informado das reações das leituras prescritas; e manter um relatório sobre os comentários dos pacientes sobre o êxito das leituras.

Já para Alston (1962, apud PEREIRA, 1996, p. 57), o médico e o bibliotecário teriam as seguintes responsabilidades:

O médico deveria saber o que esperar com a leitura prescrita, sumarizar os mecanismos psicológicos básicos dos pacientes e indicar que tipo de leitura seria de benefício e qual outro seria indicado para o paciente. Ao bibliotecário caberia a elaboração de uma lista de material comumente usado em biblioterapia, conhecimento de enredos e problemas tratados na literatura e disposição de observar inteligentemente e avaliar as reações dos pacientes e/ou as mudanças de comportamento.

Concluindo, para Menninger e Alston, o papel do bibliotecário estaria além da conduta de um farmacêutico, no qual o bibliotecário cumpriria com as ordens do médico em relação aos livros prescritos, podendo até mesmo sugerir outros livros, mas também agindo como biblioterapeuta junto aos pacientes. E embora essa área seja um tanto negligenciada pelas escolas de biblioteconomia, seria interessante se a educação dos bibliotecários incluísse cursos avançados nas áreas de Psicologia e Literatura.

9.2 Treinamento do Biblioterapeuta

Nesta parte do trabalho será mostrado primeiramente, a necessidade de um programa de treinamento especial, que inclui cursos avançados da área de Biblioteconomia, Psicologia, Literatura e Aconselhamento, e para tanto se utilizou o programa de treinamento de Kinney.

Kinney (1962, p. 129 apud PEREIRA, 1996, p. 59), foi uma especialista na década de 60 em Biblioteconomia Institucional, que defendia uma educação especial para o biblioterapeuta. No seu artigo _ The bibliotherapy programs: requeriments for training _ a autora explicitava as qualidades ideais de um bom biblioterapeuta:

o biblioterapeuta deverá entender a meta desejada em cada ocasião, aceitar a responsabilidade pela ação tomada e ser capaz de assumir autoridade quando for necessário; [...] ser capaz de controlar preconceitos pessoais; ser receptivo a nova aprendizagem; dirigir e canalizar sentimentos pessoais, de maneira a não impedir sua ajuda a outros; [...] ter compreensão clara da reação de causa e efeito quando for selecionar material para ajudar os pacientes, pois se vinculam a fatores físicos, emocionais e culturais relacionados com o leitor (PEREIRA, 1996, p. 61).

Mas para se atingir todos esses predicativos, a autora descreve um modelo de treinamento para biblioterapeutas, partindo do nível de graduação, desta forma, a princípio, o estudante precisaria de um curso básico de biblioteconomia, experiência profissional em pelo menos uma biblioteca, e de um grande conhecimento de literatura, além de dominar os princípios e técnicas de psicologia, pois o terapeuta deve ser capaz de avaliar os significados emocionais do paciente/leitor, relacionando a leitura com as suas necessidades e tornando válida as interpretações de suas reações. Além disto, a autora ressalta a importância do trabalho em campo, dinâmica de grupo, juntamente com cursos de psicologia, linguagem e outros que só acrescentariam ao bibliotecário, tornando-o mais qualificado, preparado e autoconfiante (PEREIRA, 1996).

Outros autores endossaram a forma de pensar de Kinney, no tocante a necessidade de se ter um campo de treinamento para biblioterapia. Não só interno referente a cursos de psicologia, serviço social entre outros, mas também no tocante a experiência do trabalho em campo, no qual o bibliotecário pode observar os padrões de comportamento e experimentar as qualidades aprendidas, tornando assim a prática, da mesma forma relevante (PEREIRA, 1996).

9.2.1 Modelo Empregado nos Estados Unidos

Agora pegando o exemplo dos Estados Unidos, no qual existe o Biblioterapeuta I e o Biblioterapeuta II, no município de Santa Clara, Califórnia.

O biblioterapeuta I _ precisa de Bacharelado em Artes, Curso Superior em Psicologia ou Humanidades e seis meses de experiência em Trabalho de Saúde Mental. Já o Biblioterapeuta II _ precisa de Bacharelado em Artes, Curso superior em Psicologia ou Humanidades, Mestrado em Biblioteconomia, dois anos de experiência em Biblioterapia, extenso conhecimento de referências bibliográficas, literatura e técnicas de liderança de grupo, e qualidades para supervisionar e treinar o biblioterapeuta I (PEREIRA, 1996).

Mas quando se fala em ‘Tipos de Biblioterapia’, nos EUA o biblioterapeuta tem que preencher os requisitos para trabalhar, seja na Biblioterapia Institucional, Biblioterapia Desenvolvimental ou Biblioterapia Clínica, estando ele em equipe ou sozinho (PEREIRA, 1996).

Biblioterapia Institucional _ geralmente é conduzida por uma equipe ou apresenta clientes individuais institucionalizados pela sociedade, ou simplesmente pacientes da prática privada da Psiquiatria ou Psicologia. Desta forma, o Biblioterapeuta ou Terapeuta Institucional, trabalhando como um membro de uma equipe deveria compor os seguintes requisitos (PEREIRA, 1996, p. 64):

- a) Mestrado em Biblioteconomia, ou em Artes, em Ciência do Comportamento ou Enfermagem. Mais um número estabelecido de requisitos interdisciplinares;
- b) Um ano de experiência trabalhando em meio expediente como biblioterapeuta em situação de clínica ou desenvolvimental;
- c) Um ano de experiência trabalhando em tempo integral em outra área da Biblioteconomia, da Saúde Mental ou da Enfermagem.

No entanto, porém, o biblioterapeuta que venha a trabalhar sozinho deve preencher os seguintes requisitos (PEREIRA, 1996, p. 63):

- a) Ter PHD em Ciências do Comportamento, ou Biblioteconomia, Orientação Psicológica ou Enfermagem. Além disso, cursos de Psicologia Clínica, Literatura e Biblioteconomia;
- b) Ter um ano de experiência de trabalho em meio expediente em Biblioterapia Clínica e um ano de Biblioterapia Institucional;
- c) Ter um ano de experiência em trabalho em tempo integral em uma área de Saúde Mental, Biblioteconomia ou Enfermagem.

Biblioterapia Clínica _ voltada para pacientes com algum desequilíbrio psíquico e mental. Requisitos a serem cumpridos para o exercício da profissão de biblioterapeuta (PEREIRA, 1996, p. 64):

- a) Mestrado em biblioteconomia ou em Artes, ou em Ciência do Comportamento, ou Enfermagem, ou em Orientação e Educação. Além disso, um número estabelecido de cursos exigidos provenientes de outras áreas do conhecimento ou o Bacharelado em Artes, com experiência equivalente.

Biblioterapia Desenvolvimental _ também conhecida como Biblioterapia de Grupo, voltada para adultos e crianças normais, cujo objetivo seja entender melhor a si mesmo, o mundo em que vivem, seus problemas, e ajustamento de comportamento. Requer os seguintes requisitos dos biblioterapeutas (PEREIRA, 1996, p. 64):

- a) Mestrado em Biblioteconomia ou Bacharelado em Artes ou Educação, Orientação Psicológica ou Educação, além de cursos em Biblioteconomia, Psicologia e Literatura;
- b) Um ano de experiência em tempo integral, como Professor Orientador ou Bibliotecário;
- c) Um ano de experiência em meio expediente, como Biblioterapeuta sob supervisão;
- d) Um ano de experiência em tempo integral em Saúde Mental, Educação ou Enfermagem.

Desta maneira, a partir desses cursos ministrados nas universidades, é possível ter um certificado vinculado a Biblioterapia nos EUA. Porém isso só não basta, é preciso que haja meios de organizar a profissão de biblioterapeuta, criando por exemplo uma Associação Independente de Biblioterapia e uma Associação Interdisciplinar, já que a biblioterapia é um trabalho cooperativo que envolve a Medicina, Educação, Psicologia, Saúde Mental e Literatura.

10. A RELEVÂNCIA E OS BENEFÍCIOS DA LEITURA E DA BIBLIOTERAPIA

A história da biblioterapia é antiga, seu caráter terapêutico conhecido, onde a leitura é dirigida de forma a ajudar outras formas de tratamento. Assim, Caldin (2001a, p. 27) pode afirmar que:

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a ideia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos. A biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão.

Os leitores envolvidos neste tipo de terapia estariam então, buscando fazer uma identificação com os personagens _ seu modo de pensar e agir, colocar-se no lugar de outra pessoa e sentir suas necessidades, sofrimentos e aspirações _ bem como, com os acontecimentos, levando-os a reflexão, a perda da acomodação, e a possível solução do problema, através da assimilação de padrões novos e liberar o sujeito de uma atitude provinciana pela ampliação da consciência.

Assim para Caldin (2001a, p. 20) “o fundamento filosófico essencial da biblioterapia é a ‘identidade dinâmica’, que se trata do processo de identificação do leitor/ouvinte que induziria a liberação das emoções, produziria uma reação de alívio da tensão e purificaria a psique, com valor terapêutico.

Desta maneira, Ratton (1975, p. 203) destaca os benefícios da leitura e da biblioterapia:

[...] amplitude da visão, pelo conhecimento e comparação de pontos de vista alheios, com os do próprio indivíduo; [...] clareamento dos problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo, que, entretanto, os reconhece quando colocados por outros de maneira não agressiva e impessoal; [...] estímulo para criatividade; [...] facilitação da participação da vida comunitária; [...] desenvolvimento da capacidade crítica.

Já Ribeiro (2006, p. 114) diz sobre isso que:

[...] a prática biblioterapêutica ajuda [...] a superar o medo, a angústia, a tristeza e a ansiedade que acompanham uma doença, contribuindo para a promoção do bem-estar e auxiliando a implementação do tratamento, a prevenção dos males e minimizando os problemas pessoais. Colabora no desenvolvimento emocional e na mudança de comportamento, provocado pela retomada do cuidado com o paciente, de se importar com o outro, de se colocar no lugar do outro.

Assim, a prática biblioterapêutica deixa claro a sua relevância junto ao leitor/ouvinte e também junto as outras áreas do conhecimento como a Psicologia, Serviço Social, Psiquiatria entre outras, que se utilizam da leitura dirigida como um apoio coadjuvante para os seus procedimentos.

10.1 A Leitura como Coadjuvante Clínico

Este termo ‘Biblioterapia’ foi criado durante a segunda Guerra Mundial, quando psiquiatras que acompanhavam as tropas norte-americanas perceberam que os soldados feridos que tinham o hábito da leitura e liam durante a sua recuperação, evoluíam mais rapidamente para melhor, o seu quadro clínico, do que aqueles soldados que ficavam sem fazer nada.

Segundo Botsaris (2014), baseados nessa observação, esses psiquiatras conseguiram estender o acesso à leitura a todos os pacientes, ao mesmo tempo que começaram a investigar o efeito da leitura em alguns problemas psiquiátricos. Nesta investigação, soldados que apresentaram o chamado estresse pós-traumático, o problema mais comum encontrado nas guerras, também se beneficiaram da leitura de livros. Isso facilitou a propagação do tratamento entre médicos militares.

No momento atual a “Veterans Administration” ou VA, entidade responsável pela saúde dos militares norte-americanos, possui um extenso manual de biblioterapia, com indicação para várias doenças psiquiátricas, além de disponibilizar biblioterapeutas para seus pacientes (BOTSARIS, 2014). “No material da VA há indicação de uso da leitura específica para tratar depressão, ansiedade, distúrbio bipolar, transtorno obsessivo compulsivo, esquizofrenia, dependência química, programas de bem-estar, prevenção de várias doenças, distúrbios sexuais, e obviamente, estresse pós-traumático” (BOTSARIS, 2014, p. 1).

Mas além de toda essa questão que ocorreu durante a guerra e pós-guerra, a leitura como prática terapêutica ou como fim terapêutico, ultrapassou seu uso de apoio no tratamento de doenças psiquiátricas, passando a ser utilizada para vários outros tipos de problemas de saúde.

De acordo com Botsaris (2014), uma das áreas onde há um forte benefício para o emprego da leitura é nos distúrbios do sono. Pois, numa época em que, o emprego excessivo dos meios eletrônicos se expandem cada vez mais, e há indícios que isto está relacionado com o aumento dos casos de insônia e distúrbios do sono, resgatar a importância da leitura para regularizar o ritmo do sono é um avanço.

“As evidências são que ler a noite ajuda a reduzir a atividade cerebral, o que auxilia a conciliar o sono” (BOTSARIS, 2014, p. 1).

Botsaris (2014, p. 1) afirma que:

Há ainda referências de que a leitura habitual auxilia a minimizar o distúrbio de memória do idoso, conhecido pela sigla ARMI (age related memory impairment). Durante a leitura há um estímulo específico no cérebro que ajuda na formação de sinapses numa estrutura cerebral chamada corpo caloso. Em geral quanto mais conexões através do corpo caloso, mais conexões de memória a pessoa tem, auxiliando esse processo. Outra forma que a leitura ajuda na memória é melhorando a qualidade do sono, já que a memória transitória se transforma em definitiva nesse período.

Segundo Botsaris (2014), a leitura adequada para insônia deve apresentar um caráter mais lento e repetitivo, portanto não seria adequado propor um romance excitante na hora de dormir. Por outro lado, os romances ficcionais podem ajudar no tratamento de conflitos pessoais, e por isso estão indicados para o tratamento em diferentes problemas psiquiátricos. Alguns psicóticos, como portadores de esquizofrenia, têm uma excelente adaptação a poesias e outros textos altamente simbólicos.

“Em suma, o hábito de ler ajuda na atividade cerebral, lentifica as ondas cerebrais induzindo a um estado de maior relaxamento e estimula a memória; além da influência do conteúdo da leitura” (BOTSARIS, 2014, p. 1).

Por fim, suas histórias propiciam ao leitor a liberação de emoções reprimidas, servem de estímulo a resolução de problemas, tem função curativa e pode alterar o estado psíquico do leitor, de forma a amenizar os sofrimentos e distúrbios mentais.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, diante de todo o trabalho realizado, chegou-se a conclusão que a Biblioterapia é uma atividade terapêutica coadjuvante interdisciplinar, em comparticipação com outras áreas importantes do conhecimento, a saber, a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem.

Constatou-se também que o bibliotecário ou biblioterapeuta serve de mediador da leitura terapêutica dirigida, com a finalidade de ajudar o leitor/ouvinte a entender a si mesmo, entender um pouco mais o mundo em que vive, encontrar soluções para o problema em questão, desenvolver empatia por identificação com os personagens, cartase para alívio das emoções reprimidas, entre outros, aprofundando a natureza da terapia, e levantando alternativas de cura que possam ser aplicadas ao problema em si.

Assim fica claro, afirmar que: o profissional bibliotecário não só faz parte, de todo um contexto, de ações conjuntas que envolvem os profissionais da saúde e da educação para promover o bem estar do paciente, suavizando-lhe o intelecto e as emoções, como também, fica explícito a sua importância no tratamento que esse tende a dar, ao material usado para o mesmo e no seu interesse e aplicação, em se chegar em decisões e objetivos comuns com esses parceiros afim de alcançarem resultados eficazes.

Fica evidente que a Biblioterapia é uma seara de atuação para o bibliotecário, mas a sua prática requer conhecimentos teóricos e empíricos da área da psicologia por exemplo, e cursos de biblioteconomia deveriam demandar capacitação para os futuros bibliotecários, pois a biblioterapia é uma área pouco explorada em sua formação, além disso seria interessante promover pesquisas e estudos mais aprofundados para dar visibilidade ao trabalho do profissional bibliotecário inserido no terreno da biblioterapia.

Desde 2012, estava sendo analisado a proposta que estabelece o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS. A medida estava prevista no Projeto de Lei 4.186/2012, do deputado Giovani Cherini (PDT-RS). Porém esse Projeto de Lei foi arquivado por Decisão da Presidência da Câmara dos Deputados _ nos termos do artigo 133 do RICD (Regimento Interno da Câmara dos Deputados), rejeição na Comissão de Mérito. Publicado pelo Diário da Câmara dos Deputados em 24 de maio de 2017, pág. 673 COL 01 (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017, p. 673).

Apesar de todas essas dificuldades passadas pela biblioterapia em conjunto com uma equipe multidisciplinar, esta vem crescendo a cada ano, e poderia contribuir muito para uma

população que não possui dinheiro para tratamento particular, ou não possui acesso a tratamentos tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALSTON, Edwin F. **Bibliotherapy and Psychotherapy**. Library Trellidj, Illinois, v. 11, n. 2, p. 159-176, oct. 1962.

ALVES, Maria Helena Hees. **A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social**. Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v.15, n.1/2, p.54-61, jan./jun. 1982.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

BOTSARIS, Alex. **Biblioterapia: Por que hábito de leitura faz bem à saúde**. Medicina Complementar, 2014. Disponível em:<<http://www2.uol.com.br/vyaestelar/biblioterapia.htm>>. Acessado em: 26 set. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função terapêutica**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação. 2001a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>> Acesso em: 7 maio 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. Tese de Doutorado apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CALDIN, Clarice Forkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças)**. 2001b. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001b.

CALENGE, B. **Peut-on Définir la Bibliotéconomie? Bulletin des Bibliothèques de France**, Paris, T.43, n° 2, p. 8-20, 1998.

CARVALHO, Lafaiete; BLATTMANN, Úrsula; BERNARDES, Lúcia; FRAGOSO, Graça. **A leitura na sociedade do conhecimento**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 19-27, 2006. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/459/576>> Acesso em: 05 de abr. 2018.

CUBILLOS, M. F. **Usuários de Bibliotecas con Discapacidad Psiquiátrica**. Série Bibliotecologia y Gestión de Información, n. 39, ago. 2008. Disponível em: <<https://eprints.rclis.org/14902/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

FERNÁNDEZ VÁZQUES, Maria do Socorro Azevedo Félix. **Biblioterapia para idosos: um estudo de caso no Lar da Providência Carneiro da Cunha**. 1989. 140 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba - PR: Positivo, 2008.

FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal**. Educação Temática Digital, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, 2003. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1809/1651>> Acesso em: 05 de abril 2018.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GIUBERTTI, Mariana. **Projeto de lei 4186/12**. Biblioterapia na Biblioteconomia, 20 jan. 2014. Disponível em: <<http://bibliotecarioterapeuta.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 01 out. 2018.

GOMES-FERNADEZ, J. C. **El Profesional de la Documentación a la Documentación Informativa y Peridística**. Sevilla: Editora Mad, 1999, p. 155-185. Disponível em: <<http://www.arrakis.es/~meg/per9.html>>. Acesso em 20 ago. 2018.

HYNES, Arleen Mc Carty. **Bibliotherapy: the interactive process**. Catholic Library World, Há verford, v.58, n.4, jan./fev. 1987, p.167-170.

KINNEY, Margaret. **The Bibliotherapy Programs: Requirement for Training**. Library Trend, v.11, p. 129, october, 1962.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCINKO, Stephanie. **Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals**. *Current studies in Librarianship*, v.13, n.1/2, Spring/Fall 1989, p.1-5.

MENNINGER, K. et. al. **The unitary concept of mental illness**. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 22:4-12, 1958.

MONTET, Pierre. **O Egito no tempo de Ramsés (1300 AC. a 1100 AC.)**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MUELLER, S. P. M. **O Ensino da Biblioteconomia no Brasil**. *Ciência da Informação*; Brasília, v. 14, n. 1, p.3-15, 1985.

NERI, Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Tese de livre docência, UNICAMP, Campinas, 1988.

OLIVEIRA, A. C. F. et al. **O BIBLIOTERAPÊUTA: a nova atuação do profissional bibliotecário**.pdf. Disponível em:

<<http://www.rabci.org/.../O%20BIBLIOTERAPÊUTA%20a%20nova%20atuação%20do%20profiss...>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

ORSINI, Maria Stella. **O uso da literatura para fins terapêuticos: Biblioterapia**. *Comunicação e Artes*, São Paulo, n.11, 1982, p.139-149.

PARDECK, John T. – **Using Books in Clinical Social Work Practice: A Guide to Bibliotherapy**. Nova York: The Haworth Press, 1998.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996. Disponível em:

<URL: <http://www.slideshare.net/Mailson63951414/biblioterapia-marlia>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

PERROTTI, Edmir. **Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor)**. In: _____. PRADO, Jason. CONDINI, Paulo (Org.). A formação do leitor: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PINTO, Virginia Bentes. **A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário**. Transinformação, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, 2005.

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Diários e Anais**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br> > Institucional > Biblioteca e publicações>. Acesso em: 22 ago. 2018.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

RATTON, Angela M. L. **Biblioterapia**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214. set. 1975.

RIBEIRO, Gizele. **Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas v.3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.

RUBIN, Rhea Joyce. **Dinamics**. In: A Guide to Theory and Practice. London: Oryx Press, 1975.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica Médica**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Editora Habitus, 2006.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre Biblioterapia no Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study**. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley.

SMITH Alice G. W. **The real bibliotherapist please stand up?** *Journal of Services in libraries*, v.2, n.3, p.214-249, spring 1989.

SOUZA, F. C. **A Escola de Biblioteconomia e a Ancoragem da Profissão de Bibliotecário**. *Informação e Sociedade: Estudos*, p. 1, 2003. Disponível em:
<<http://www.informacoesociedade.ufpb/1120106.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.